

Cadernos Teologia Pública

# Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana

*Antônio Cechin*

ano VI - número 47 - 2009

INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS



  
**UNISINOS**  
UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

# Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana

Antônio Cechin

# UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

*Reitor*

Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

*Vice-reitor*

José Ivo Follmann, SJ

## **Instituto Humanitas Unisinos**

*Diretor*

Inácio Neutzling, SJ

*Gerente administrativo*

Jacinto Schneider

## **Cadernos Teologia Pública**

Ano VI – Nº 47 – 2009

ISSN 1807-0590

*Responsável técnica*

Cleusa Maria Andreatta

*Revisão*

Vanessa Alves

*Secretaria*

Camila Padilha da Silva

*Editoração eletrônica*

Rafael Tarcísio Forneck

*Impressão*

Impressos Portão

*Editor*

Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

*Conselho editorial*

MS Ana Maria Formoso – Unisinos

Prof. Dra. Cleusa Maria Andreatta – Unisinos

Prof. MS Gilberto Antônio Faggion – Unisinos

Prof. Dra. Marilene Maia – Unisinos

Esp. Susana Rocca – Unisinos

Prof. Dra. Vera Regina Schmitz – Unisinos

*Conselho científico*

Prof. Dra. Edla Eggert – Unisinos – Doutora em Teologia

Prof. Dr. Faustino Teixeira – UFJF-MG – Doutor em Teologia

Prof. Dr. José Roque Junges, SJ – Unisinos – Doutor em Teologia

Prof. Dr. Luiz Carlos Susin – PUCRS – Doutor em Teologia

Prof. Dra. Maria Clara Bingemer – PUC-Rio – Doutora em Teologia

Prof. MS Maria Helena Morra – PUC Minas – Mestre em Teologia

Prof. Dra. Maria Inês de Castro Millen – CES/ITASA-MG – Doutora em Teologia

Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner – EST-RS – Doutor em Teologia

---

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

*Instituto Humanitas Unisinos*

Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.35908223 – Fax: 51.35908467

**www.ihu.unisinos.br**

## **Cadernos Teologia Pública**

A publicação dos Cadernos Teologia Pública, sob a responsabilidade do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, quer ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica em diálogo com as ciências, culturas e religiões de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Busca-se, assim, a participação ativa nos

debates que se desdobram na esfera pública da sociedade. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, especialmente, a exclusão socioeconômica de imensas camadas da população, no diálogo com as diferentes concepções de mundo e as religiões, constituem o horizonte da teologia pública. Os Cadernos Teologia Pública se inscrevem nesta perspectiva.

## Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana

Antônio Cechin

### 1. Introdução

No mês de julho de 1968, Dom José da Costa Campos, da diocese de Valença, Estado do Rio de Janeiro, como bispo responsável pela Catequese na CNBB, convocou, para uma reunião, as Equipes Regionais de Catequese do Brasil e os Institutos Superiores de Pastoral Catequética (ISPACs) que já existiam em diversos Estados da Federação. A reunião aconteceu na sede do ISPAC do Rio. A ordem do dia era a preparação para a participação brasileira na “Semana Internacional de Catequese” a se realizar na cidade de Medellín, Colômbia.

A Semana Internacional de Catequese costumava reunir os grandes nomes da catequese universal. O local de sua realização obedecera a um rodízio de continentes.

Depois da primeira Semana Internacional em Eichstadt, na Europa, passou para a África, Ásia, Oceania e em quinto lugar aconteceria na América Latina, continente com o maior número de cristãos católicos do mundo. Dom Larrain e Dom Hélder, à frente do Conselho Episcopal Latino-americano (CELAM), quando souberam da intenção da coordenação da Semana Internacional de realizar um Encontro de Catequese em nosso continente, fizeram-no coincidir com a preparação imediata para a Assembléia Episcopal de Medellín. Melhor, queriam aproveitar a reunião dos especialistas em Catequese do mundo inteiro para uma espécie de prévia no estudo da missão fundamental da Igreja que é a Evangelização.

Sabedores da responsabilidade que tínhamos, em nossa reunião preparatória do Rio, tivemos a competente

assessoria do teólogo Hugo Assmann, então professor do Instituto de Catequese de São Paulo. Depois de uma semana de aprofundada reflexão sobre uma Catequese contextualizada para a América Latina, foi escolhida nossa delegação para a Semana Internacional. Entre os nomes lembro, estavam: os bispos Dom José da Costa Campos de Valença, Estado do Rio, e Dom Antônio Frágoso, de Crateús, no Ceará; o teólogo Hugo Assmann, os biblistas Carlos Mesters e Wolfgang Grün, o Padre Hugo Paiva, diretor do ISPAC do Rio, e o Pe. Nereu Meirelles, Secretário Nacional de Catequese.

Como havia um só título e uma só contribuição escrita a ser apresentada pelo Brasil nesse simpósio internacional, coube a mim apresentar aquilo que idealizávamos ser uma Catequese tipicamente latino-americana, com base em nossas incipientes experiências pós-Vaticano II. Nossas premissas tiveram que ser apresentadas sob o título previamente estipulado para o Brasil: “Orientações gerais para a elaboração de material catequético”.

Esse trabalho dos catequistas do Brasil é que nós passamos a designar como CATEQUESE LIBERTADORA.

Não foi fácil darmos o título de cidadania para nossa Catequese. Hugo Assmann, nosso teólogo maior, teve o papel principal no debate com os peritos europeus no confronto com os métodos propugnados pelo velho

mundo. Graças a Deus, à medida que as discussões foram avançando e os demais países da América Latina foram tomando conhecimento da Catequese Libertadora proposta pelo Brasil, fomos constituindo maioria. Depois de uma semana, estavam elaboradas as conclusões que foram integralmente aceitas pela ASSEMBLEIA DOS BISPOS que se reuniu uma semana depois, no mesmo local em que nós encerrávamos nossa Semana Internacional e que se constituiu no documento oficial de Medellín sobre a Catequese.

Nosso trabalho foi publicado em diversos países desde as Filipinas, passando pela Índia e pelos principais países europeus como França, Espanha, Itália, Alemanha, Suíça e Bélgica.

O Instituto de Catequese de Paris, depois de ter começado a Semana Internacional não aceitando nem mesmo um início de abordagem sobre o “homem latino-americano” sob o argumento de que não queriam um encontro de “sociologia religiosa”, mas sim de Catequese, aderiram ao cabo e ao término através de seu maior expoente, o Padre Audinet, quando deu uma definição da Catequese dentro da nossa ótica e que serviu para tranquilizar a todos.

Um ano exato depois, a revista “CATÉCHISTES”, em seu número 79, de julho de 1969, em determinada al-

tura da apresentação do nosso trabalho, esclarece seus leitores europeus, menos afeitos à nossa realidade e à nossa linguagem calcada em Paulo Freire, da seguinte maneira:

Lês textes qui suivent qui donnent le meilleur dès études pédagogiques et théologiques des latino-américains pourront paraître difficiles aux lecteurs. Il ne faudrait pas cependant qu'une telle difficulté arrête le catechiste tant il est vrai que la manne est abondante et que l'apport de renouveau est indiscutablement immense.

On s'interroge sur la voie nouvelle de la catéchèse, sur les orientations et le sens de la théologie à l'heure actuelle : peut-être au travers de telles études peut-on découvrir que la catéchèse missionnaire est à un tournant décisif et qu'elle le prend audacieusement .

Tradução:

Os textos a seguir, que fornecem o que há de melhor nos estudos pedagógicos e teológicos dos latino-americanos, poderão parecer difíceis aos leitores. Não pode acontecer que semelhante dificuldade impeça ao catequista de avançar sobre a sua leitura porque, na verdade, a riqueza que neles se esconde é abundante, e a contribuição em termos de renovação é indiscutivelmente imensa.

Hoje a gente se pergunta a respeito do caminho novo da catequese, sobre as orientações e o sentido da teologia

no momento atual: talvez, através de tais estudos, possamos descobrir que a catequese missionária está numa arrancada decisiva e que ela a assume com grande audácia.

A velha França como “filha primogênita da Igreja” se curvando diante do nosso salto qualitativo em termos de CATEQUESE.

Nossa exposição, em Medellín, desenvolveu-se da seguinte maneira:

## I. O homem em situação na América Latina

- ▶ Fazemos parte do “Terceiro Mundo”: subdesenvolvimento global com a consequente marginalização para a maioria da população.
- ▶ O subdesenvolvimento global só pode ser entendido dentro do conjunto das relações internacionais sócio-política-econômico-cultural. Nesse conjunto de relações é que encontramos as causas determinantes dessa situação.
- ▶ O homem latino-americano acha-se tolhido em sua realização pessoal e social, e também em seu dinamismo criador.
- ▶ Os cientistas sociais são unânimes em afirmar que tal situação só pode ser corrigida através de

uma RADICAL mudança de estruturas. Só assim poderá haver uma abertura para um autodesenvolvimento nacional.

- ▶ Dentro dessa situação, os cristãos têm uma missão histórica a cumprir entre as forças de arrancada para a mudança, missão de “libertação dos cativos”.
- ▶ A Catequese, ao tomar consciência do fato, sente necessidade de refontizar-se numa teologia que tenha presente este homem, para poder adotar uma pedagogia realista que ajude o catequizando numa autêntica leitura dos “Sinais dos Tempos”.

## II. Algumas referências teológicas

### ***História da Salvação Geral e História da Salvação Particular***

Toda a história humana, em seus mais de 600.000 anos de “homo sapiens”, é a história da salvação geral. Tudo deve ser visto como um único desígnio salvífico de criação e redenção em Cristo, cujo mistério é onipresente. O Povo de Deus é em primeiro lugar a humanidade inteira.

A história da salvação particular, num contínuo Israel-Igreja, é serviço no mundo e para o mundo.

O absoluto do cristianismo não pode ser visto triunfalisticamente numa “Igreja necessária para a salvação”. Ela não é necessária para que os outros comecem a ter verdade e graça. Essas lhes são possíveis sem a Igreja. A missão da Igreja é a de ser sinal de referência, sinal elevado, “sacramento”. Se é exato chamar a Igreja de “humanidade consciente” (Congar), devemos saber que antes de tudo ela deve ser humanidade, isto é, presença transformadora do mundo. A missão da Igreja está em “ser mais”, ser sinal. Este “ser mais” da Igreja no mundo, se olharmos historicamente o caráter da Igreja no mundo, se olharmos historicamente o caráter original do judeo-cristianismo, deve revelar-se, sobretudo, no “ser para frente”, na arrancada de Êxodo constante.

### ***A originalidade do judeo-cristianismo e sua missão***

Face às demais religiões, o judeo-cristianismo tem sua originalidade na *Historicização da Salvação*; no fato de a salvação do homem não se processar numa forma verticalista, através de uma relação a-histórica e acósmica com a divindade.



As categorias essenciais da Bíblia são todas referentes à mudança e à mobilidade histórica para frente: Êxodo, caminhada à luz das promessas, messianismo, sair da sua pátria. Trata-se de uma “desinstalação” constante. É a marca da missão de Abraão e Moisés; é a insistência fundamental dos profetas. Daí a importância de que se reveste o tema do deserto e do exílio. Quando o povo de Israel cai na tentação da instalação, os profetas o recolocam na perspectiva de caminhada histórica.

A visão bíblica de Deus é do Emanuel, um Deus que caminha com o povo; um Deus de radical imanência na temporalidade histórica. A sua transcendência reside no fato de ser o “oculto”, o “maior”, o Deus à frente de nós nas fronteiras do futuro histórico. Os profetas são os que lêem os apelos de Deus através dos fatos históricos e políticos.

O Deus da Bíblia é um Deus provocante, isto é, que chama para frente na história. Ele exige uma constante fuga do mundo, no sentido de “fuga para frente” e não de “fuga para fora do mundo”. Ele exige uma ruptura do presente em direção ao futuro. A visão grega do mundo (*cosmos*) era fixista, ao passo que a visão bíblica é dinâmica.

A Bíblia sendo profundamente antifixista é também dessacralizadora. A profecia de envio para frente dessacraliza as fixações que pretendem objetivar e insti-

tuir Deus no passado. Deus não está na natureza, que deve ser desdivinizada, mas está no movimento histórico de apropriação da natureza, transformando-a num mundo evolutivo para o homem. O sagrado não está nas coisas (fórmulas, palavras, objetos), mas está no movimento de humanização da história pela dominação e transformação da natureza.

### ***Conversão ao Reino como conversão à história em movimento***

Não somos chamados a nos convertermos para um Deus “lá em cima” e “lá fora”, mas para o Deus da História da Salvação; não ao Deus dos filósofos e dos sábios, mas ao Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó, ao Deus da Encarnação em Cristo.

Cristo inicia sua pregação com o apelo para a conversão ao Reino “que vem”, iminente, imediato. Esse Reino se instaura com o anúncio da libertação dos cativos (cf. Evangelho, Jesus na sinagoga de Nazaré). O Evangelho é a Boa Nova para os escravizados e dominados. E este anúncio provoca a conversão para a revolução histórica como outrora no Egito.

Um traço essencial dessa historicidade concreta do movimento judeu-cristão é a adesão e a inserção no

processo histórico de caminhada para frente, e nunca alienação da história. Tal adesão e inserção se revestem de dois aspectos:

- ▶ de um lado, a adesão ao processo histórico concreto e atual, na ruptura do hoje para o amanhã, na entrada no mistério da Passagem (Páscoa), que Cristo realiza pela entrega até a morte. No mistério Pascal, a realização dessa Passagem por Cristo tem conotação histórico-política.
- ▶ de outro lado, porém, a manutenção de abertura do horizonte, isto é, o Reino último e definitivo.

Trata-se, pois, de inserção no Reino imediato e no Reino definitivo; no aqui e agora, e com o horizonte sempre aberto adiante de nós; imersão-conversão ao processo agora e re-jogo constante para frente, para um futuro ainda maior em direção ao futuro último. O cristão é o homem da revolução constante, que jamais se fixa numa ordem pronta; vive “desinstalado”.

### ***Conversão a Deus na conversão ao homem***

A conversão ao Deus do Reino “quod instat”, que é imediato e histórico, é evidentemente conversão ao processo histórico humano. É aqui que se revela a força e

significação do paradoxo cristão da radical *unidade do amor de Deus e do amor do próximo*. Deus é amado quando se ama o próximo. Quebra-se a lógica grega: “Já que Deus assim nos amou, devemos também nós amar a Deus”, diria a lógica grega. “Amar-nos mutuamente”, diz São João (cf 1 Jo. 4/9ss.). Os exegetas nos explicam que é precisamente contra a projeção de Deus para fora da História que São João insiste: “Deus jamais ninguém viu, quando nos amamos Ele permanece no meio de nós” (1 Jo. 4/12). Esse é o paradoxo de tremenda significação: para converter-se a Deus e aos apelos do Seu Reino, é necessário converter-se, aqui e agora ao homem e à sua história. É a luta de libertação do homem em que se objetiva e materializa o amor de Deus (cf. Mateus cap. 25 – juízo final).

### ***Distinção entre o cristão e o simples humanista***

O cristão é alguém:

- ▶ que elimina realmente toda fé num Deus a-histórico para levar a sério o próximo como “lugar em que se ilumina a sua existência humano-divina” e como “ponto originário da sua experiência de Deus” (K. Rahner).

- ▶ descobre e adere ao Cristo aqui e agora. Este, aliás, é o primeiro sentido da expressão “Cristo histórico”, isto é, Cristo na História atual;
- ▶ a partir dessa adesão radical ao próximo, o homem descobre a dimensão pessoal do encontro, já que o próximo levado a sério e que nos leva a sério é o ponto originário de um mistério de comunhão pessoal;
- ▶ a partir dessa descoberta (na vivência-compromisso) de um mistério interpessoal, o cristão descobre o “Tu fundante”, o Terceiro implicado nesse encontro, isto é, Deus como Deus pessoal;
- ▶ feita essa descoberta, adquire sentido olhar para trás na história, para a cadeia testemunhal dos fatos cristãos (tradição) e descobrir a identidade entre o Cristo atualizado aqui e agora no encontro com os homens de hoje, e o Cristo de então, o Cristo que morreu e ressuscitou como homem para os outros, revelando assim o mistério mais profundo do homem que é o mistério do próprio Deus em Cristo, como fundamento e possibilidade de todos os encontros humanos de compromisso recíproco;

O que importa notar é que todo Cristo *a priori*, antes do acontecimento salvífico vivido na história, pode fa-

cilmente ser um Cristo pré-fabricado, possuído de antemão, portanto anterior aos fatos, o que significa, pura e simplesmente, não real. Convém frisar que, a expressão “Cristo histórico” tem dois aspectos: descoberta da sua realidade histórica como mistério atual hoje e, – só através disso – “memorial do Senhor”, a saber, descoberta de sua historicidade de outrora.

- ▶ Mas há ainda outro aspecto em que o cristão se distingue do puro humanista, além do aspecto frisado acima, da identificação do Deus pessoal em Cristo. Esse outro aspecto descobrimo-lo na própria ideia de Reino de Deus com seus dois apelos: apelo imediato e apelo de constante abertura para o Reino ulterior e definitivo. Isso fornece um critério de mobilidade histórica, de dinamismo constante, de antifixismo radical. O cristão jamais deve confundir o Reino de Deus com a revolução, embora o Reino seja a própria dinâmica constante da revolução em marcha.

### ***Cristianismo e ideologia***

À vista do exposto, o Cristianismo jamais deve, pura e simplesmente, ser identificado com uma ideologia. Naturalmente – e convém muito frisá-lo – também

não pode ser identificado com a ideologia do “status quo”, com a ideologia da ordem de dominação existente. “O Reino de Deus não é deste mundo”, isto é, não é fixista. De outro lado, porém, o Reino de Deus é também apelo a que, sem identificação fixista e fixadora, realmente se assuma a ideologia entendida como arma de luta e de mobilização histórica. Neste sentido, ideologia se torna instrumento provisório da ação profética.

### ***Cristianismo como movimento religioso e não como religião***

No sentido sócio-cultural do termo “religião”, o Cristianismo efetivamente é movimento religioso e não religião. Tal definição tem profunda significação real. Trata-se de superar o primado do aspecto institucional que imobilizou durante séculos o cristianismo e o fez sacralizador do “status quo”.

O cristão precisa viver sempre de novo uma ultrapassagem da sua fé em Deus, quando Este – pela função da expressão da própria linguagem que “expressa” as estruturas dos fatos – tiver se transformado em ídolo. Israel nos dá um exemplo neste sentido, mudando diversas vezes seu modo de apelar a Deus e conservando nítida a consciência de não dever ter imagens definitivas de Deus.

Assim, por igual, o cristão deve sempre de novo viver um momento irreligioso ou a-religioso, isto é, de ultrapassagem da “religião” como expressão sócio-cultural.

Devemos conseqüentemente fazer distinção, principalmente para o nosso contexto sócio-cultural de América Latina, entre “expressão religiosa” – de tendência fixista, retrospectiva – e “expressão de fé” – dinâmica e prospectiva.

### ***Reino de Deus e estruturas do mundo***

O Reino de Deus jamais se identifica com as estruturas do mundo, mas se insere e desenvolve nelas como um processo. A noção de processo nos permite visualizar melhor o princípio de Encarnação essencial ao Cristianismo. A expressão “consecratio mundi”, por exemplo, pode ser entendida de um modo perigosamente reacionário se alguém a entender como consagração das estruturas existentes, como, aliás, adverte Chénu (cf. “Peuple de Dieu dans lê monde”, col Foi vivante, Paris, 1965). No entanto, é necessário entrar processualmente nessas mesmas estruturas para poder rompê-las num jogo dinâmico para frente.

A noção de “cultura” que é um dos conceitos básicos do método “psicossocial”, não no sentido de “saber”

simplesmente, mas no sentido sociológico de ação do homem em relação à natureza – é igualmente importante neste contexto. Nas mais avançadas civilizações de bem-estar, tipo USA, o homem pode ser objeto, em vez de sujeito, no meio das estruturas. Ora, “fazer cultura” é precisamente agir numa transitividade crítica e criadora sobre a “natureza”. E essa natureza, por estranho que pareça, pode ser o imobilismo das dominações num mundo supertecnificado no qual não há realmente processo cultural de mudança a serviço do desenvolvimento integral do homem como sujeito histórico.

A noção de Reino de Deus como processo dinâmico no coração das estruturas é contrária a todos os imobilismos e, portanto, profundamente histórico-revolucionária. É o que acentuam com vigor os teólogos e exegetas de hoje.

### ***Próximo-indivíduo e próximo-massas humanas***

Ao cristianismo cabe acentuar vigorosamente a conotação personalista e dialogal da história humana. O cristianismo faz isso a partir de um compromisso pessoal (relação eu-tu) levado a termos de experiência tão profunda que tenha uma ressonância existencial falar num Deus pessoal, descoberto como fundamento e exigência indispensável dessa dialogalidade fraternal.

Importa, no entanto, frisar que a visão personalista da fé corre o sério perigo de ficar presa a microprocessos de encontro interpessoal, sem chegar à verdadeira socialidade do processo histórico. Cai-se, então, numa concepção de fé que possui apenas uma historicidade inicial, mas que não leva a sério o fato de que o encontro inter-humano não se processa através do olimpo de retas intenções, mas numa realidade estrutural ampla.

Já não diríamos que há perigo de individualismo porque, ao se frisar que a fé é uma “aliança”, uma relação dialogal “eu-tu”, já se ultrapassou a visão individualista. Mas poderia ser que se permanecesse numa “privatização da fé”, vendo-se especialmente expressa nos momentos de encontro a dois, na dialogalidade do casal, nas horas de lazer e meditação.

É contra a ameaça de semelhante privatização da fé que se erguem as críticas sérias dos teólogos mais abertos ao social. Reconhecendo embora que fé é diálogo inter-pessoal histórico, se não se chegar a uma visão de característica “política” da existência cristã, o personalismo terá ficado a meio caminho.

Levando a sério a história como macroprocesso, encarando de frente o fenômeno da socialização, importa rever a teologia do amor ao próximo. O próximo não é meramente o indivíduo na sua dignidade pessoal. Só es-

taremos amando o indivíduo se o levarmos a sério em seu amplo contexto histórico. Por isso surge hoje o tema “massas-humanas-meu-próximo”.

Sobretudo no contexto do mundo subdesenvolvido, onde se impõe nítidas pré-condições políticas para o desenvolvimento poder desencadear-se, o tema do macroprocesso histórico e do amor do próximo entendido como amor às “massas-humanas” é urgente.

Num mundo que se socializa cada vez mais, somos chamados a retomar o primado bíblico do povo sobre o indivíduo. O próximo a conscientizar, ou melhor, a levar à sua autoconscientização, continua a ser evidentemente também o indivíduo em nome próprio e único, com originalidade pessoal insubstituível. Mas há essa dimensão nova do próximo num mundo socializado. O próximo são as massas. Não há possibilidade de ser próximo do indivíduo, sem ser o próximo das massas humanas, na sua libertação, num processo histórico amplo e global.

### ***Reino de Deus e projeto revolucionário***

O Reino de Deus não é uma nova ordem histórica que se possa planejar detalhadamente. O Reino de Deus é um processo, é a constante dinâmica do processo histó-

rico. Como processo, precisamente não coincide com nenhum projeto, com nenhuma alternativa histórica concreta. Situa-se sempre dentro e sempre além. A revolução também é um processo antes de tudo. Mas ela, em seus passos concretos, torna-se projeto e alternativa, por vezes, a única alternativa a escolher plausivelmente. Todo processo revolucionário sofre a tentação de institucionalizar-se de tal forma a perder sua mobilidade processual. Torna-se, então, uma espécie de “religião”.

No plano das alternativas históricas, ou seja, do detalhamento dos projetos revolucionários, o cristão não apenas se encontra numa tarefa comum com os não cristãos que lutam pela libertação dos “cativos do Egito”, mas não possui sequer “fontes próprias” para um projeto cristão único. Está, neste ponto, no mesmo pé que os demais homens: criar com perspicácia terrena o leque das alternativas. Mas para optar, e aqui está o ponto nevrálgico, o cristão possui um impulso mais radical: ele sabe, na fé que é um apelo de Deus que está em jogo. Assim o passo volitivo da opção revolucionária, embora não exista um projeto revolucionário próprio do cristianismo, recebe um impulso mais radical. Além disso, a ideia do Reino imediato e, contudo, sempre aberto para frente proíbe ao cristão a identificação de qualquer projeto revolucionário concreto como o Reino em si. Essa abertura revolucioná-

ria, essa transcendência constante dos apelos de Deus sempre à frente de nós constitui um dos aspectos fundamentais da contribuição cristã à Revolução: a sua constante futurização.

### **O imobilismo religioso**

Qual a razão de os cristãos, ao longo da história, terem demonstrado tão poucas vezes aquela característica que torna original o movimento judeo-cristão: a dinamização da história? O que faz com que os cristãos se revelem normalmente sacralizadores do “status quo”?

Lendo a Bíblia encontramos, já no Antigo Testamento, uma resposta inicial. O judaísmo vetero-testamentário caía sempre na tentação de dar mais importância à instalação institucional do que aos apelos da aliança messiânica de marchar à luz das promessas de Deus, rumo ao futuro. Toda tensão dialética entre instituição e profetismo é reveladora neste sentido.

Na medida em que o cristianismo se transformou em religião (no sentido sócio-cultural), dando ênfase primordial aos aspectos institucionais e jurídicos, em detrimento da agilidade e mobilidade profética, tornou-se imobilista e reacionário. O grande passo da eclesiologia do Vaticano II está em re-situar o primado do elemento

profético e carismático em relação ao institucional. O aspecto institucional é sempre necessário, mas deve saber-se sempre provisório e secundário. A verdadeira constante do cristianismo é sua dinâmica profética.

### **Profetismo e dinamismo pascal do cristianismo**

Do conservador existe uma definição banal, mas contundente: aquele que tem algo a conservar a todo preço. Diz-nos São Paulo que Cristo não foi conservador, não julgou melhor reter avaramente sua própria divindade, mas aniquilou-se. Páscoa é passagem pela morte, pela entrega total, para chegar à vida. O profetismo é o apelo à superação do presente; é convite à “krisis” (julgamento) e à ruptura da conversão (metanóia). Isso implica no abandono da própria terrinha de segurança, à imagem de Abraão. É lançar-se no risco e na insegurança.

Dois são os elementos dessa atitude profética: denúncia (krisis, palavra julgadora) e gesto e ação de rompimento (práxis). Basta lembrar os profetas de Israel para descobrir sempre e indissociavelmente os dois elementos unidos. A pura denúncia pode ser uma forma sublimada de alienação e falta de coragem histórica.

Sintetizando, importa frisar duas coisas:

- ▶ o profetismo, como aspecto fundamental do cristianismo, é a garantia de sua capacidade de “passar”, isto é, garante sua dimensão pascal;
- ▶ Os profetas costumam ter que assumir, na sua própria vida, também dentro da Igreja, a tarefa de dar o exemplo de entrega: de tradição imemorial, os profetas são liquidados lenta ou truculentamente. Em geral “são perseguidos no templo e no pretório” (Casaldáliga). O mistério da Cruz, como mistério profético da vitória, é inteiramente essencial ao cristianismo. Não, porém, nos termos da visão dolorista ou quase masoquista, mas na linha da pascalidade profética. Uma Igreja que não se despoja até a morte perdeu sua “verve” histórico-dinâmica.

### III. Aplicação das referências teológicas à educação da fé

#### *Constatações retrospectivas*

1. No passado, até há pouco tempo, e hoje, ainda em muitas áreas, predominou na Evangelização a *preocupação salvacionista*: “temos que fazer os homens entra-

rem no céu”. A consequente atitude de fé, em bases um tanto minimalistas, não possui a característica original da fé judeo-cristã: fé como *ato e processo histórico*. Além de outras distorções, a pastoral salvacionista atribui um primado à preocupação “religiosa”, entendida como ligação e enquadramento em práticas institucionais e o consequente sacramentalismo.

2. A insistência primordial sobre o aspecto institucional de uma Igreja, instituída e credenciada para “salvar”, induzia necessariamente a uma concepção bastante típica da própria Mensagem Evangélica: “levar a Verdade”. A Verdade evangélica, nesse caso, é concebida como um capital possuído em depósito, como um *a priori* antecedente aos fatos da realidade.

3. A Bíblia, os Padres, o Magistério, a teologia eram vistos como “fontes” ou “repositórios” da Verdade anterior aos fatos; ignorada a “fonte primeira” do próprio processo histórico aqui e agora, nem se cogitava em ver aquelas fontes repositórias como simples referências testemunhais de fatos vividos.

4. A *primeira etapa da renovação catequética*, que vê chegar o seu fim, teve o mérito da melhoria da Mensagem, tornando-a mais cristocêntrica, eliminando aspectos secundários, mitos e tabus, e explorando, além disso, positivamente, uma renovação metodológico-técnica.



Fundamentalmente, porém, permaneceu-se no primado da Palavra sobre o Acontecimento.

5. Os documentos do *Vaticano II* revelam já sensibilidade em relação à crise da Evangelização, louvam a inserção no processo histórico etc., mas continuam insistindo preocupadamente sobre o destaque a dar à Palavra tomada em si mesma.

6. A atividade catequética na América Latina, conforme recentes levantamentos, parece concentrar-se particularmente sobre as crianças e as rodas de ouvintes já formados em ligação com os quadros institucionais atuais (cf. levantamento do CERIS brasileiro).

7. As escolas e os Institutos de Catequese, nascidos com certa espontaneidade em correspondência às exigências de renovação interna dos quadros institucionais, numa espécie de funcionamento intraeclesial da Lei que Parkinson enunciou para a economia de tipo familiar, se usufruíram de certos aspectos positivos, caíram nos aspectos negativos da situação descrita acima sob o item 4. Em alguns deles, esboça-se com crescente evidência a necessidade de um passo além.

8. Em resumo: de falante, a Igreja progrediu para “mais bem falante”, mas sobretudo ainda “igreja que leva a Mensagem”. Os quadros da atividade catequética, em defasagem em relação a outros setores, continuam

globalmente bastante marginais em relação às urgências do processo-histórico-revolucionário, e beneficiam-se abundantemente dos restos da cristandade.

### ***Alguns critérios para a ultrapassagem da crise atual***

1. O processo histórico de libertação e o processo de Evangelização devem ser vistos como indissociáveis, formando um único filão processual de acontecimentos concretos, embora não coincidam adequadamente; assim como a história humana e a história da salvação são indissociáveis, persistindo muito embora uma distinção. É fundamental, em termos de encaminhamento e processo, sublinhar essa indissociabilidade.

2. A exemplo de Cristo (cf. Lc. 4/16-21), o Evangelho deve ser anunciado como um acontecimento de *libertação dos cativos*, uma alegre notícia para os pobres e oprimidos. É no testemunho (práxis) e anúncio (Palavra) de uma libertação histórica, como outrora no Egito, que se torna possível fazer referência ao mistério maior desta libertação da escravidão: o estabelecimento concreto, em acontecimentos históricos, de uma participação da vida de Deus, numa aliança histórica (e não verticalista e a-histórica) com Deus.

3. Em meio às *urgências de desescravização do homem latino-americano*, marginalizado do processo histórico em mais de 60% e condicionado por férreas dominações de correntes da estrutura do “status quo”, o processo de Evangelização é impensável como “Evangelização pura”, o que de resto jamais é válido, mas implica forçosamente na profecia (denúncia e práxis) de uma ruptura estrutural de cunho revolucionário anticapitalista.

4. Como indissociável do processo histórico, e implicando este, na atual situação latino-americana, em processo revolucionário, como pré-condição à promoção humana, entendida como desenvolvimento integral, material e espiritual unidamente – a Evangelização não se torna exaustiva e nem atinge seu desencadeamento verdadeiro se permanecer no âmbito de um microprocesso de grupos ou pessoas isoladas.

5. A radical unidade do amor de Deus e do amor do próximo (cf. Mat. 25; 1 Jo. 4/9-123; etc.) num contexto de mundo cada vez mais solidário exige o desencadeamento de um processo histórico de emancipação e desenvolvimento, ao qual se ligue o processo de Evangelização, que ultrapassa os indivíduos. Para tanto, importa ver as próprias massas humanas escravizadas como “nosso próximo” (Chénu).

6. A conversão cristã é encontro com o Cristo histórico no encontro histórico com os homens contemporâneos, numa inserção no solidário processo histórico. Só a partir do encontro com o Cristo presente neste compromisso recíproco adquire sentido a visão retrospectiva sobre o Cristo de outrora (seus gestos e suas palavras), e com o Cristo que se presentifica nos sacramentos da Igreja.

7. Esta característica de o ato e o processo de conversão cristã serem *compromisso histórico* não é acidental à fé cristã, mas revela precisamente sua originalidade. Quando lhe falta esta nota de pertença histórica, que a transforma necessariamente num ato “político” (cf. J. B. Metz), recai no nível da simples fé religiosa, como a ocasionam também outras religiões. Embora suficiente para a salvação individual, perde precisamente sua conotação cristã de fé histórica.

8. Assim como *fé e religião, expressão de fé e expressão religiosa* devem ser distinguidas, embora não se excluam; deve ser frisado, como critério para a Evangelização, que pertença histórica ativa e *pertença eclesial praticante* não coincidem e, por vezes, se distanciam tragicamente.

9. Uma noção mínima da fé “que é necessária para entrar no céu”, com sua predominante nota institu-

cional, não serve como ponto de referência para visualizar o processo de Evangelização. Para tanto, se requer uma noção de fé como processo de *participação histórica* que elimine toda dicotomia entre experiência do mundo e experiência do Deus vivo (cf. Ph. Roqueblo, “Expérience du monde: Expérience de Dieu?” Paris, Cerf – 1968).

10. Numa Igreja em que a “religião” (no sentido sócio-cultural) predominou sobre a fé, importa *dar-se conta da dificuldade* de encarar o processo de Evangelização como indissociável do processo histórico. A tendência e a tentação decorrente são de identificar Evangelização com o simples anúncio de uma Palavra entendida como um *a priori* pré-estabelecido.

11. As veiculações usuais das expressões “*fé implícita*” e “*fé explícita*” estão eivadas de um certo “nacionalismo” religioso de tipo intelectualista. Não correspondem à verdade do processo de comprometimento histórico e, nele, da conversão ao Reino, nem servem muito como instrumento operacional na Evangelização.

12. As noções, embora um tanto imprecisas e de uso variado no Brasil, de “*conscientização*”, “*educação de base*” e “*politização*”, dada a sua gênese e uso entre nós, parecem ricas de sentido para expressarem o encaminamento processual da “Educação da Fé”.

13. Os momentos vários de ligação explícita com as grandes referências dogmáticas e os símbolos cristãos que, numa transposição atualizadora, podem ser derivados da Bíblia, da Tradição e do Magistério, devem partir menos de uma pressa anunciadora do que da real ressonância e significação dos mesmos no decurso do processo histórico evangelizador. Não desistência tímida, mas também não – e é a tentação maior – urgência verbalística. Não apenas o contexto global da secularização crescente, com sua expressão secular de verdades evangélicas, mas, sobretudo, o concreto das situações históricas desafiadoras que obrigam a uma constante re-instauração da linguagem evangelizadora, com a qual se profetiza o sentido dos acontecimentos na perspectiva dos “sinais dos tempos”, como apelos de Deus.

14. Herdeiros de uma cultura centrada e fixada nas palavras, no gosto da verbosidade orgulhosa de uma posse da verdade anterior aos acontecimentos, devemos cumprir um esforço para *devolver toda a dignidade à Palavra*. A Palavra é, ao mesmo tempo, acontecimento e expressão verbal. Devemos aceitar com alegria, sem falsos pavores, os desafios que hoje se erguem contra o anúncio verboso da parte das teorias da linguagem (estruturalismo, transformacionismo, linguística etc.). As nossas palavras mortas, quando não servem para uma

decodificação conscientizadora da realidade, e a criação de uma transitividade criadora do homem como sujeito é bom que as reconheçamos como mortas. A Palavra de Deus, que se fez até Carne, é Vida. É vida que se comunica. Da vida não se fazem simples comunicados.

15. A Palavra evangelizadora, como conscientização da Vida presente de Deus, é essencialmente processo dialógico e comunicação dos homens entre si. E Igreja é a reciprocidade dos apelos mútuos, convocação e comunhão fraterna. Por aí vemos a importância da doutrina conciliar de que a Evangelização é *ato de Igreja*, que emerge e se instaura no processo histórico dos homens que se libertam e convocam para a fraternidade. Senão não teria sentido definir-se a Igreja como “sacramento da unidade”.

16. Já que Evangelização não consiste simplesmente em superar uma espécie de analfabetismo religioso – como cultura popular é muito mais que simples alfabetização – parece aconselhável o emprego crescente de *métodos de convívio e comunicação* que signifiquem o esvaziamento consciente de nossos métodos de “evangelização” com suas manifestações ostensivamente palavrescas. O evangelizando deve tornar-se o agente de sua evangelização, assim como é o sujeito de sua decisão de inserir-se no processo histórico. O evangelizador é sim-

ples colaborador. Deve surgir assim uma identificação crescente entre o conteúdo e o processo de Evangelização (N.B.: alusão evidente ao método “psicossocial” de Paulo Freire).

17. De tudo isso resulta a *nova figura do evangelizador ou catequista*, que deve ser:

- ▶ uma pessoa inserida no processo histórico da Comunidade;
- ▶ uma pessoa que serve a Comunidade para que ela atinja maior consciência e explicitação das dimensões de libertação e construção em Cristo, numa dimensão de abertura para o definitivo que não se atinge aqui; de abertura para uma intimidade sempre maior que lhe será revelada: de abertura para uma integração que se manifestará plenamente quando “Deus for tudo em todos”.

18. Entendendo Evangelização como uma comunhão que cria ato de Igreja e instaura a unidade libertadora dos homens entre si, vendo-a como um processo de decodificar a escravidão (pecado e morte) e a libertação (salvação e graça) contidas na realidade concreta das situações existenciais desafiadoras, adverte-se contra o perigo de não levar a sério o ponto de partida antropológico da Evangelização (cf. “Gaudium et Spes” e “Ad gentes”). Semelhante perigo consiste em dar-se por satisfeito em

usar, “estando por fora”, casos pretensamente tirados da realidade a mero título de exemplificação ou como meras comparações teóricas; importa inserir-se na problemática viva e, participando nela, possibilitar ao homem a discussão corajosa de seus problemas.

19. Se o Evangelho, como alegre notícia e Boa Nova concreta, só se incorpora ao homem experimentalmente, existencialmente; se a significação real de uma palavra acerca do sentido da vida só é vivenciada na captação (conscientização) das relações de dominação e libertação (pecado e salvação); se “conhecer”, no sentido bíblico, especialmente em São João, é ser a realidade conhecida e interferir transitivamente nela – conclui-se que nenhuma evangelização, quanto ao método e quanto ao conteúdo e expressão verbal, pode ser pensada inteiramente em fase anterior ao seu processo.

20. Vista nesse contexto, a catequese é uma reflexão da comunidade, à luz da fé, do seu próprio processo histórico. É Cristo presente na Comunidade que revela o homem ao homem (Gaudium et Spes).

21. Dentro dessa visão de Evangelização, avulta sobremodo a necessidade de perceber a *importância dos meios de comunicação de massas*, como um dos fatores fundamentais de aceleração ou retardamento do proces-

so histórico. Torna-se absolutamente necessário refletir em pequenos grupos sobre o conteúdo veiculado por esses meios.

22. Se Evangelização é sempre muito mais um ato de instauração do Mistério da Igreja, um ato de Igreja, do que ação de um evangelizador, prevê-se: de um lado, a pluriformidade de situações evangelizadoras e, daí, *um pluralismo na evangelização*, correspondente a uma ampla pluriformidade de tomada de corpo histórico da eclesialidade, não excluídas as formas secularizadas; de outro lado, e com especial urgência no mundo subdesenvolvido, a importância evangelizadora de grupos eclesiais proféticos (novamente: profecia como denúncia e práxis), à semelhança dos grupos proféticos do Antigo Testamento, como pontos de emergência e revelação das situações históricas desafiadoras, como “sinais dos tempos” de maior vigor messiânico.

23. Por fim, parece pouco provável que as instituições eclesiais atuais de tipo demasiado imobilista (por exemplo paróquias, especialmente nas grandes cidades) se prestem como concretização e manifestação do “ato de Igreja”, de significação evangelizadora no sentido acima conferido a esta expressão.

### **Tomada de consciência fundamental**

À luz dos tópicos acima, parece chegada a hora para uma séria tomada de consciência para um deslocamento de eixo na concepção e execução do processo de Evangelização. A etapa de melhoria da Mensagem, como *a priori* ao processo histórico, parece ter exaurido suas virtualidades. Prosseguir simplesmente nela significaria fixar-se num pastoralismo intraeclesial e situar a Igreja em face do mundo, em vez de concebê-la como sacramento da unidade libertadora e salvadora dos homens que emerge do mundo. Doravante será necessário tirar as consequências da indissociabilidade entre processo histórico e processo de Evangelização.

Sintetizando tudo o que dissemos até aqui, assim poderíamos narrar o **ato de catequese**:

“Uma Comunidade Eclesial de Base *se reúne e reflete* sobre o seu próprio *processo histórico*. Do micro ao macro (local, regional, municipal, nacional, continental, mundial... em círculos concêntricos). Fatos e acontecimentos do cotidiano são analisados com o melhor instrumental possível, o mais abrangente ou global, que exista.

Na transparência dos fatos do cotidiano, a Comunidade Eclesial de Base vai se dando conta de uma presença amorosa que dá sentido a tudo. Essa presença viva

cujo rosto vai adquirindo contornos do Homem Jesus de Nazaré, que foi em tudo igual a nós, exceto no pecado, hoje vivo e ressuscitado, pois “por meio dEle tudo foi feito...” (sinais dos tempos). É a sensacional descoberta da “Boa Nova”. É o primeiro momento; é a **Evangelização**. “Onde dois ou mais se reunirem... eis que estou no meio deles”

Diante da pessoa viva do Homem Jesus de Nazaré, sentimos imediatamente a necessidade de falar, dialogar com Ele. Para isso uma oração, um cântico, um rito, uma celebração, uma para-liturgia, um sacramental ou mesmo uma Missa. É a **Liturgia**, o segundo momento.

Imediatamente nos damos conta de que não somos os únicos nem os primeiros a fazer tão sensacional descoberta. Há toda uma sequência de gerações e de pessoas e toda uma história de fé que vem do passado e que começou com o nosso pai na fé Abraão. É então a **Tradição**, o terceiro momento. **Tradição normativa**, momento privilegiado consubstanciado na Bíblia, de inspiração divina. E em seguida, **tradição como história** da Comunidade ou da **Igreja**.

Essas sucessivas descobertas nos questionam em relação ao nosso engajamento na história de hoje, a transformação da realidade para melhor. É o momento do **compromisso** com a mudança: um mundo diferente

é possível sob o impulso do Ressuscitado que caminha conosco. É o quarto momento.

#### IV. De Medellín a Aparecida

Com o método libertador de educação na mão esquerda e com a catequese libertadora na mão direita, retornamos de Medellín e nos engajamos de alma e coração na *missão evangelizadora*.

No campo e na cidade nossa militância subia morros e regiões periféricas, principalmente em finais de semana, em lugares em que se encontravam os pobres, para o levantamento das *palavras geradoras* com vistas à alfabetização de adultos nos círculos de cultura. Palavras geradoras que, para os já alfabetizados se transformavam em *temas geradores*. Tais temas nada mais eram do que as situações de impasse ou situações-limite, os sofrimentos do povo que por nós eram enfocados como pontos de partida para a organização das Comunidades Eclesiais de Base, porque Bases, ao mesmo tempo, de uma nova sociedade e de uma nova Igreja.

Logo, logo, começaram os anos de chumbo. Uma nova leva de mártires, agora já não mais tombados por “ódio explícito à fé cristã”, mas “mártires pela *justiça*”.

São os nossos mártires da Caminhada. Fomos fiéis em tudo ao nosso Mestre principalmente quando afirmou que “não há maior prova de amor do que dar a vida pelas pessoas que se ama”.

Nossas *fichas catequéticas* foram consideradas altamente subversivas e foram recolhidas pela ditadura.

Devido às dificuldades que sobrevieram, não tivemos a facilidade de fazer com os documentos de Medellín aquilo que fizemos com os documentos do Vaticano II: cursos seriados a respeito do *novo jeito* de ser cristão, do *novo jeito* de ser Igreja na América Latina. Assim é que Medellín até hoje continua ainda como uma mina aberta, à espera de exploração, um tesouro à espera de garimpeiros.

Puebla deu um passo adiante em nossa catequese libertadora quando nos abriu os olhos para a importância da *inculturação do evangelho*. Já havíamos tido grande carinho, em Medellín, com o senso do sagrado de nossos povos com o conseqüente *catolicismo popular*. A regra de ouro ficara estabelecida: tudo o que fosse considerado “valor humano” dentro do catolicismo popular teríamos que conservar; porém o que fosse contra-valor deveríamos deixar cair.

Preparando Puebla, convertemos o ano de 1978 em ano de todos os Mártires Indígenas da América Latina. Para isso nosso bispo-profeta e poeta Pedro Casaldá-

liga nos brindou com a *missa da terra sem males*, que foi a pedra de toque para a recuperação, aos poucos, de novo do gauchismo de raiz, o de nossos primórdios rio-grandenses com o povo guarani e as missões jesuíticas com seu mais belo florão que foram os mártires jesuítcos. A exemplo do Povo de Deus na Bíblia, de acordo com o salmo 75, todos cantavam que “todos nascemos em Jerusalém”, nós também, rio-grandenses missionários de hoje, podemos cantar que não foi somente Sepé Tiaraju que nasceu nas Missões dos Sete Povos, mas fomos todos os cristãos deste Estado que com Ele nascemos também nos Sete Povos.

Naquele mesmo ano de 1978, lançamos nossa ferramenta de massa que é a *romaria da terra*.

No dia 7 de setembro de 1979, no primeiro encontro estadual de Comunidades Eclesiais de Base, nossos irmãos de Ronda Alta saíam do Encontro para ir para o abraço dos seus companheiros de Ronda Alta que haviam, no dia simbólico da Pátria, ocupado a Fazenda Macáli. As nossas CEBs pariam assim seu mais belo florão brasileiro: o MST.

No Natal do mesmo ano de 1979, nas periferias de Canoas, procedíamos à primeira ocupação de terra para morar, quando 10.000 operários, amontoados em estra-

das periféricas haviam realizado um assombroso êxodo rural para a construção do pólo petroquímico. Êxodo somente comparável à saída dos hebreus do Egito. Foi a ocupação dos latifúndios de Canoas.

Na Caminhada em direção à Aparecida, fomos aprimorando nosso instrumental de análise da realidade. Avançamos para o instrumental holístico, bem mais abrangente, e que através das agora *comunidades ecológicas de base* nos abriram amplamente as portas para as lutas ecológicas.

A exemplo de nosso mestre Jesus que, em sua vida terrestre, trabalhava em duas dimensões – trabalho de pequenas Comunidades e trabalho sobre as multidões ou de massa – nós também, além de atingir o número de 100.000 CEBs em todo o território nacional, aprimoramos nossas ferramentas de massa tais como a *romaria da terra* e a *romaria das águas*. “Pelos seus frutos os conhecereis” é o critério que nos deu Jesus para aquilatarmos o valor de nossa Evangelização ou Catequese.

Hoje, a *libertação dos oprimidos*, segundo os sinais dos tempos em toda nossa querida América latina, está a caminho com grande evidência. A nossa catequese libertadora está, a partir do Evangelho, empoderando nosso povo.



## Anexo

### Dois modelos de catequese

<b>CATEQUESE DOUTRINÁRIA</b>	<b>CATEQUESE LIBERTADORA</b>
<p data-bbox="357 437 568 462"><b>Modelo europeu</b></p> <p data-bbox="405 489 520 514"><b>Objetivo</b></p> <p data-bbox="118 531 802 692">Transmitir a Palavra de Deus. Suscitar, despertar a fé cristã, isto é, formar o perfeito cristão. E o perfeito cristão é o homem que encontra Deus e Lhe responde, que O trata como um ser vivo, como alguém a quem acolhe. Converte-se a Ele e compromete-se a amá-Lo, a segui-Lo. Assim:</p> <ul data-bbox="118 701 300 793" style="list-style-type: none"><li>• acolhimento</li><li>• conversão</li><li>• compromisso</li></ul> <p data-bbox="118 802 791 827">marcam os três momentos da fé viva que é virtude, ato, vida.</p> <p data-bbox="118 841 802 1002">Catequese Abraâmica – Não se trata, portanto, de fazer do nosso catequizando um sábio ou doutor em teologia, mas homem de fé tal como Abraão que, ignorando verdades que hoje qualquer um de nossos jovens sabe, teve tal atitude de fé que costuma ser chamado “pai dos crentes”.</p>	<p data-bbox="956 437 1286 462"><b>Modelo latino-americano</b></p> <p data-bbox="1066 489 1179 514"><b>Objetivo</b></p> <p data-bbox="812 531 1436 657">Dinamizar a comunidade para que esta desencadeie um processo de transformação da sua realidade, “passando de condições menos humanas a condições mais humanas”.</p> <p data-bbox="812 666 1436 793">“A evangelização deve orientar-se para a formação de uma fé pessoal, adulta, interiormente formada, operante e constantemente confrontada com os desafios da vida atual” (<i>Medellín, introdução, 3</i>).</p> <p data-bbox="812 841 1436 967">Catequese de Êxodo – Trata-se de caminhar em direção aos pobres, às grandes massas do nosso povo que vive oprimido. E tal como Israel (povo), outrora oprimido no Egito, desencadear um processo de libertação.</p>

<p style="text-align: center;"><b>Método</b></p> <p>Aqui, método significa a <b>maneira</b> de levar os alunos a se unirem interiormente a Deus.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Criar um clima favorável a fim de que seja possível a transmissão da mensagem bíblica, motivada por um fato concreto, real, bem dentro da vida do catequizando.</li> <li>• Deus, para educar seu povo, levou-o ao deserto. Este deserto a pessoa deve criá-lo em seu interior, superando as inquietações do dia-a-dia.</li> <li>• O silêncio interior que se manifesta numa postura de respeito. Ao mesmo tempo esta postura inicia o catequizando à vida litúrgica – formação do paroquiano – torna o jovem dócil e atento a Deus que lhe fala.</li> <li>• Criadas as condições necessárias, a criança responde “sim” à vontade de Deus, convertendo-se e pondo em prática o ensinamento recebido.</li> </ul>	<p style="text-align: center;"><b>Método</b></p> <p><i>(N.B. – Aqui, outro conceito de método. Significa etapas de um processo, caminhada a partir do ponto em que se encontra o grupo de pessoas).</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Parte-se da situação real, concreta, em que se encontra determinado grupo humano.</li> <li>• Reflete-se comunitariamente sobre os impasses comuns e as causas que impedem a passagem de uma situação menos humana para uma situação mais humana, a fim de realizar uma <b>ação global</b>.</li> <li>• Esta descoberta, em comum, de dificuldades que impedem de avançar, cria vontade de cimentar uma união: nasce a Igreja.</li> <li>• De questionamento em questionamento, a comunidade (Igreja) descobre, na transparência de seu processo histórico, os apelos e a presença de um Deus Libertador.</li> </ul>
<p style="text-align: center;"><b>Conteúdo</b></p> <p>Uma mensagem a transmitir, a mensagem cristã que é uma revelação positiva e gratuita que requer de nossa parte uma atitude de abertura total, de acolhimento sem reserva porque vem de Deus, vem do alto e nos faz entrar no mistério de Deus, para que nele vivamos.</p>	<p style="text-align: center;"><b>Conteúdo</b></p> <p>A evangelização deve estar em relação com os “sinais dos tempos”. Não pode ser atemporal ou a-histórica. Os “sinais dos tempos” que em nosso continente se manifestam, sobretudo no campo social, constituem um “lugar teológico” e interpelações de Deus.</p>

<p>Onde se encontra esta revelação que vem do alto?</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• na Bíblia</li> <li>• na Liturgia</li> <li>• na História da Igreja</li> </ul>	<p>Por outra parte, esta evangelização deve realizar-se através do testemunho pessoal e comunitário que se manifestará de modo especial, no contexto do próprio compromisso temporal.</p> <p>A evangelização de que viemos falando deve explicitar os valores de justiça e fraternidade, contidos nas aspirações de nossos povos, numa perspectiva escatológica.</p>
<p style="text-align: center;"><b>Conversão</b></p> <p>Tomada de resoluções práticas. A partir da mensagem bíblica e dos exemplos de vida cristã que põem em prática a doutrina ensinada, atingiu-se todo o ser do catequizando. Assim, ele se converte na medida em que guarda a Palavra de Deus e informa com ela sua vida.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Crer é converter seu coração. É mudar o eixo de sua existência, é encontrar sua estabilidade, sua solidez, o centro de sua existência, não mais em si mesmo, conforme a regra egoísta do amor de si, mas conforme a regra caritativa do amor de Deus. E isso supõe que a gente se ultrapasse, que a gente crie em si um “coração novo e um espírito novo” (Ez. 18, 31).</li> <li>• Esta conversão provoca uma mudança interior, uma purificação das intenções e uma docilidade atenta aos apelos do Espírito Santo.</li> </ul>	<p style="text-align: center;"><b>Conversão</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Adesão e inserção no processo histórico de CAMINHADA para frente. “Desinstalando-se”, o cristão parte sempre rumo ao desconhecido de uma nova fronteira.</li> <li>• Conversão ao Deus da História da Salvação, ao Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó, ao Deus da Encarnação, ao Cristo vivo no meio de nós. Conversão ao Deus do Reino.</li> <li>• Para converter-se a Deus e aos apelos do seu Reino, é necessário converter-se “aqui e agora” ao homem e à sua história, é na luta de libertação do homem que se objetiva e materializa o amor de Deus (cf. Mateus 25).</li> <li>• Radical “unidade do amor de Deus e do amor ao próximo”.</li> </ul> <p>De tal modo radical esta conversão que se está disposto a “dar a própria vida em favor da justiça e por amor aos irmãos necessitados”.</p>

<p style="text-align: center;"><b>Representação de Deus</b></p> <p>Um Deus transcendente, acima de nós.</p>	<p style="text-align: center;"><b>Representação de Deus</b></p> <p>Um Deus provocante, à frente de nós, no amanhã histórico.</p>
<p style="text-align: center;"><b>Cristianismo</b></p> <p>A crença daqueles que aderem a Jesus Cristo.</p>	<p style="text-align: center;"><b>Cristianismo</b></p> <p>Um movimento histórico de libertação dos homens, promovido por Deus, mas que se vai realizando plenamente em Cristo.</p>
<p style="text-align: center;"><b>Evangelização</b></p> <p>É transmitir uma mensagem.</p>	<p style="text-align: center;"><b>Evangelização</b></p> <p>É conscientização.</p>
<p style="text-align: center;"><b>O/A evangelizador/a</b></p> <p>Transmite a mensagem cristã pelo ensino do Catecismo.          Testemunho de fé e de vida cristã junto às crianças.          Evangeliza as famílias descristianizadas que ainda enviam seus filhos ao ensino religioso.</p>	<p style="text-align: center;"><b>O/A evangelizador/a</b></p> <p>Inserido no processo histórico da Comunidade.          Serve a Comunidade para que ela atinja maior consciência e explicitação das dimensões de libertação e construção em Cristo.          Engajado na problemática viva e participando nela, possibilita às pessoas a discussão corajosa de seus problemas.</p>

## **Cadernos Teologia Pública: temas publicados**

- Nº 1 – *Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI* – Johan Konings, SJ
- Nº 2 – *Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista* – Maria Clara Bingemer
- Nº 3 – *A Teologia e a Origem da Universidade* – Martin N. Dreher
- Nº 4 – *No Quarentenário da Lumen Gentium* – Frei Boaventura Kloppenburg, O. F. M.
- Nº 5 – *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner* – Érico João Hammes
- Nº 6 – *Teologia e Diálogo Inter-Religioso* – Cleusa Maria Andreatta
- Nº 7 – *Transformações recentes e prospectivas de futuro para a ética teológica* – José Roque Junges, SJ
- Nº 8 – *Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos* – Carlos Ribeiro Caldas Filho
- Nº 9 – *Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões* – Rudolf Eduard von Sinner
- Nº 10 – *O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso* – Michael Amaladoss, SJ
- Nº 11 – *A teologia em situação de pós-modernidade* – Geraldo Luiz De Mori, SJ
- Nº 12 – *Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema* – Pedro Gilberto Gomes, SJ
- Nº 13 – *Teologia e Ciências Sociais* – Orivaldo Pimentel Lopes Júnior
- Nº 14 – *Teologia e Bioética* – Santiago Roldán García
- Nº 15 – *Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos* – David Eduardo Lara Corredor
- Nº 16 – *Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento* – João Batista Libânio, SJ
- Nº 17 – *Por uma Nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-Modernidade* – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- Nº 18 – *Do ter missões ao ser missionário – Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II* – Paulo Suess
- Nº 19 – *A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg* – 1ª parte – Manfred Zeuch
- Nº 20 – *A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg* – 2ª parte – Manfred Zeuch
- Nº 21 – *Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo* – Karl-Josef Kuschel
- Nº 22 – *Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs* – Jacques Arnould
- Nº 23 – *Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann* – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves

- Nº 24 – *O estudo teológico da religião: Uma aproximação hermenêutica* – Walter Ferreira Salles
- Nº 25 – *A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo – o legado do Vaticano II* – Frei Sinivaldo S. Tavares, OFM
- N. 26 – *Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski* – Joe Marçal Gonçalves dos Santos
- N. 27 – *Música e Teologia em Johann Sebastian Bach* – Christoph Theobald
- N. 28 – *Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas* – Karl-Josef Kuschel
- N. 29 – *Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino* – Ana María Formoso
- N. 30 – *Espiritualidade e respeito à diversidade* – Juan José Tamayo-Acosta
- N. 31 – *A moral após o individualismo: a anarquia dos valores* – Paul Valadier
- N. 32 – *Ética, alteridade e transcendência* – Nilo Ribeiro Junior
- N. 33 – *Religiões mundiais e Ethos Mundial* – Hans Küng
- N. 34 – *O Deus vivo nas vozes das mulheres* – Elisabeth A. Johnson
- N. 35 – *Posição pós-metafísica & inteligência da fé: apontamentos para uma outra estética teológica* – Vitor Hugo Mendes
- N. 36 – *Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois* – Joseph Comblin
- N. 37 – *Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla* – João Batista Libânio
- N. 38 – *O cristianismo mundial e a missão cristã são compatíveis?: insights ou percepções das Igrejas asiáticas* – Peter C. Phan
- N. 39 – *Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingo* – Paulo Suess
- N. 40 – *Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana e Caribenha* – Benedito Ferraro
- N. 41 – *Espiritualidade cristã na pós-modernidade* – Ildo Perondi
- N. 42 – *Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta* – Ildo Perondi
- N. 43 – *A Cristologia das Conferências do Celam* – Vanildo Luiz Zugno
- N. 44 – *A origem da vida* – Hans Küng
- N. 45 – *Narrar a Ressurreição na pós-modernidade. Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga* – Maria Cristina Giani
- N. 46 – *Ciência e Espiritualidade* – Jean-Michel Maldamé



**Antônio Cechin** formou-se em Letras Clássicas (grego, latim e português) e em Direito pela PUCRS, onde também foi professor. Fez sua pós-graduação no Centro de Economia e Humanismo, em Paris. Frequentou o Curso de Catequese no Institut Supérieur de Pastorale Catéchétique, também em Paris. Após seu retorno ao Brasil, no início da década de 60, iniciou intensa atividade pastoral junto a movimentos sociais.

Antônio Cechin influenciou uma geração de militantes no Rio Grande do Sul e no país. Foi o criador da Romaria da Terra, da Romaria das Águas e idealizador da missa em honra a São Sepé Tiaraju. É também co-fundador do Movimento Nacional Fé e Política. Foi perseguido pela ditadura militar, preso e torturado. Sua vida caracteriza-se por uma persistente dedicação na defesa dos mais pobres.

Atualmente, é Agente de Pastoral em diversas periferias da região metropolitana de Porto Alegre, assessor de Comunidades Eclesiais de Base do Rio Grande do Sul e de catadores e recicladores. Desempenha ainda a função de coordenador do Comitê Sepé Tiaraju e da Pastoral da Ecologia do Regional Sul-3 da CNBB.